



BOLETIM Apamvet

ISSN 2179-7110 • VOLUME 10 • Nº 1 • 2019



Elefante Africano de nome Teresita

PARQUE ZOOLOGICO DE SÃO PAULO tratamento de uma fêmea de elefante africano

ESPOROTRICOSE

Uma zoonose que ameaça gatos e pessoas em São Paulo

ADESTRAMENTO POSITIVO

Alexandre Rossi conversa com Luiz Luccas

VETERINÁRIA DE PRECISÃO

Novas oportunidades para os médicos veterinários

SUMÁRIO

Editorial.....	03
Cartas do leitor.....	04
Notícias • Renovação do convênio acadêmico entre a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP (FMVZ-USP) e a Faculdade de Medicina Veterinária de Hannover.....	05
Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo lança "on line "	
a revista de educação continuada	05
Colunas • Dr. Percy Infante Hatschbach.....	06
Dr. Luis Luccas.....	06
Clipping – As discretas passarelas dos gatos suíços. – REVUE SUISSE – julho 2018.....	09
Zoonoses • Esporotricose.....	11
Marketing Pet • Duas entrevistas.....	15
Ensino • O ensino superior pode mudar	18
Clínica • Tratamento de elefante-africano	21
De olho na gramática.....	23
Normas para publicação	24

Editoria	Apamvet
Diretor chefe	Sílvio Arruda Vasconcelos
Comitê Editorial	Eduardo Harry Birgel Alexandre Jacques Louis Develey José Cezar Panetta Arani Nanci Bomfim Mariana Waldir Gandolfi
Editor-chefe	Alexandre Jacques Louis Develey
Redatores	Acadêmicos da APAMVET
Jornalista responsável	Regina Lúcia Pimenta de Castro (M. S. 5070)
Diagramação	Robson Santos Tikinet
Revisão	Franklin Carvalho Apamvet Gabriel Provinzano e Máisa Kawata Tikinet
Foto da capa	Paulo Gila
Impressão	Edigráfica Gráfica e Editora Ltda. Rua Nova Jerusalém, 345 – Bunsucesso 21042-230 – Rio de Janeiro/RJ
Tiragem	32.000 exemplares
Apoio	Conselho Regional de Medicina Veterinária do Estado de São Paulo – CRMV-SP
Redação	Academia Paulista de Medicina Veterinária Avenida Arruda Botelho, 466 – apto.12 05466-000 – São Paulo/SP Fone 11 3022 4744 adeveley@terra.com.br www.apamvet.com
Distribuição gratuita	APAMVET Boletim é uma publicação oficial da Academia Paulista de Medicina Veterinária, dirigida aos médicos veterinários do estado São Paulo, cujo objetivo é informar sobre todas as áreas de especialização. Os trabalhos, comunicados, cartas, comentários, relatos de casos e demais matérias para publicação deverão ser enviados para o e-mail da Redação.

Patronos e acadêmicos da Apamvet

1ª Cadeira	Patrono René Straunard Acadêmico Alexandre Jacques Louis Develey	11ª Cadeira	Patrono João Barisson Villares Acadêmico Flávio Prada	21ª Cadeira	Patrono Uriel Franco Rocha Acadêmica Irvênia Luiza de Santis Prada
2ª Cadeira	Patrono Adolpho Martins Penha Acadêmico Waldyr Brandão 1º Acadêmico - Vicente do Amaral	12ª Cadeira	Patrono René Corrêa Acadêmico Paulo Sérgio de Moraes Barros 1º Acadêmico - Hélio Emerson Belluomini	22ª Cadeira	Patrono Geraldo José Rodrigues Alckmin Acadêmico Flávio Massone 1º Acadêmico - Hélio Ladislau Stempniewski
3ª Cadeira	Patrono Leovigildo Pacheco Jordão Acadêmica Arani Nanci Bomfim Mariana	13ª Cadeira	Patrono Euclydes Onofre Martins Acadêmico Manuel Alberto da Silva Castro Portugal	23ª Cadeira	Patrono Romeu Diniz Lamounier Acadêmico Waldir Gandolfi
4ª Cadeira	Patrono Paschoal Mucciolo Acadêmico José César Panetta	14ª Cadeira	Patrono Ângelo Vincenzo Stopiglia Acadêmico Benedicto Wladimir de Martin	24ª Cadeira	Patrono João Soares Veiga Acadêmico Kenji Iryo
5ª Cadeira	Patrono Ernesto Antônio Matera Acadêmico Eduardo Harry Birgel	15ª Cadeira	Patrono Adayr Mafuz Saliba Acadêmico Paulo Magalhães Bressan	25ª Cadeira	Patrono Quineu Corrêa Acadêmico Zohair Saleim Sayegh 1º Acadêmico - Laerte Sílvio Traldi
6ª Cadeira	Patrono Mário D'Ápice Acadêmico Paulo Iamaguti ‡ Acadêmico Aramis Augusto Pinto 1º Acadêmico - Waldyr Giorgi	16ª Cadeira	Patrono Emilio Varoli Vaga ‡ Acadêmica Hannelore Fuchs	26ª Cadeira	Patrono Décio de Mello Malheiro Acadêmica Mitika Kuribayashi Hagiwara
7ª Cadeira	Patrono José de Fatis Tabarelli Netto Acadêmico Armen Thomassian 1º Acadêmico - Raphael Valentino Riccetti	17ª Cadeira	Patrono Sebastião Nicolau Piratininga Acadêmico José Luiz D'Angelino	27ª Cadeira	Patrono Paulo de Castro Bueno Acadêmico Antonio Matera 1º Acadêmico - Luiz Klinger dos Santos
8ª Cadeira	Patrono Armando Chieffi Acadêmico José Orlando Prucoli 1º Acadêmico - Renato Campanarut Barnabé	18ª Cadeira	Patrono Moacyr Rossi Nilsson Acadêmico Mário Nakano	28ª Cadeira	Patrono Carlos de Almeida Santa Rosa Acadêmico Sílvio Arruda Vasconcelos 1º Acadêmico - Rufino Antunes Alencar Filho
9ª Cadeira	Patrono Orlando Marques de Paiva Acadêmico Carlos Eduardo Larsson	19ª Cadeira	Patrono Dinoberto Chacon de Freitas Acadêmico Angelo João Stopiglia 1º Acadêmico - Feres Saliba	29ª Cadeira	Patrono Plínio Pinto e Silva Acadêmico Vicente Borelli
10ª Cadeira	Patrono Oswaldo Domingues Soldado Acadêmico Olympio Geraldo Gomes	20ª Cadeira	Patrono Sebastião Timo Iaria Acadêmica Elma Pereira dos Santos Polegato 1º Acadêmico - Luiz Braz Siqueira do Amaral	30ª Cadeira	Patrono Raphael Valentino Riccetti Acadêmico José de Angelis Córtes

Dados internacionais de catalogação na publicação (CIP)

Boletim APAMVET / Academia Paulista de Medicina Veterinária. -- n.1, (2010) -- São Paulo: APAMVET, 2010- v. il.; 21x28 cm.

Quadrimestral
ISSN 2179-7110

Endereço on-line: www.apamvet.com

1. Medicina Veterinária – história. 2. Clínica veterinária. 3. Produção animal. 4. Meio ambiente.

CDD 636098



Foto de capa: Elefante Africano de nome Teresita.
Crédito da foto: Paulo Gila.

Após dez anos editando o Boletim em papel, estamos acompanhando a modernização do Conselho Regional de Medicina Veterinária. Ambas as instituições reafirmam o compromisso de seguir oferecendo, em tempo de tanta competição, um conteúdo relevante e diferenciado à classe dos médicos-veterinários, cada vez mais moderna e produtiva.

A edição atual é a última impressa e nela fazemos algumas chamadas para que o leitor se lembre de anotar o site da APAMVET, onde poderá encontrar todos os números passados, poderá localizar os textos por palavra-chave e por autor e, principalmente, poderá baixar as matérias interessantes no seu próprio arquivo. Ao entrar na esfera das redes, o Boletim APAMVET terá uma visibilidade maior e alcançará um número maior de interessados nos assuntos abordados.

Passando ao conteúdo desta edição, começamos com uma boa notícia: graças aos esforços do atual diretor Prof. Dr. José Antonio Visintin, a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP renovou o convênio firmado com a Faculdade de Medicina Veterinária de Hannover (Tiho), o que possibilita a continuidade a uma parceria de pesquisa e de intercâmbios técnico-científicos existentes há décadas.

Além da coluna do médico-veterinário Luiz Luccas, que trata do adestramento positivo, há uma nova coluna do médico-veterinário Percy Infante Hatschbach, um profundo conhecedor da história da medicina veterinária, que nos informa sobre um veterinário que recebeu o prêmio Nobel em 1996.

A médica-veterinária Paula Tavolero, que, na edição passada, fez uma crítica sobre o ensino atual que transforma o diploma em “produto”, nesta edição analisa a necessidade

imperiosa da evolução dos recursos didáticos utilizados nas universidades. Falando ainda em modernização, dois grandes expoentes do marketing veterinário, a empresa PETZ, na pessoa de sua diretora Dra. Aline Amália L. de Araujo Giovannetti e o médico-veterinário Dr. Mário Marcondes, sócio da Clínica Sena Madureira, comentam as suas visões sobre a situação atual e perspectivas do mercado pet.

Procurado pela redação do Boletim, o Centro de Zoonoses da cidade de São Paulo manda um aviso preocupante sobre os perigos do crescimento da ocorrência da **esporotricose** e da importância que os clínicos veterinários devem dar ao assunto.

A reportagem de capa é dedicada ao Parque Zoológico de São Paulo e ao seu corpo técnico. A classe veterinária, no início deste ano, recebeu triste notícia: a aliá (fêmea de elefante) que vivia há muitos anos no Parque Zoológico de São Paulo morreu após vários meses de enfermidade. O Boletim relata os acontecimentos e os esforços despendidos por uma ampla equipe veterinária, composta por especialistas de todo Brasil e do exterior, que esteve envolvida com o tratamento deste animal.

Por falta de espaço, o Boletim postergou para a próxima edição a excelente matéria da Dra. Samanta Rios Mello Modesto a respeito de “Colheita e envio de material na oncologia veterinária – *Sua importância no tratamento e prognóstico do paciente oncológico*”.

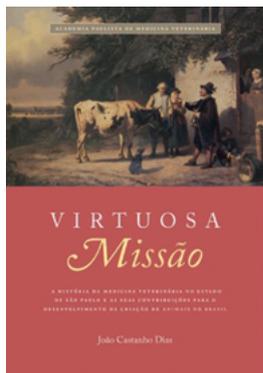
Finalmente, a coluna de nossa querida amiga Dra. Renata Sborgia, da Academia de Letras do Brasil, faz os seus destaques sobre o bom uso da língua portuguesa.

Boa leitura. ■

Alexandre Develey – CRMV-SP 203
Editor e Tesoureiro da APAMVET

LIVRO VIRTUOSA MISSÃO

O livro VIRTUOSA MISSÃO continua à venda. Entrega em domicílio. Para solicitar um exemplar entre em contato com o tesoureiro e redator do Boletim da APAMVET: adeveley@terra.com.br



Livro *Virtuosa Missão*, que conta a História da Medicina Veterinária em SP

CARTAS DO LEITOR

De Percy Infante Hatschbach – Membro da Academia Brasileira de Medicina Veterinária :

Ao voltar para Goiânia, peguei meu exemplar do excelente livro *Virtuosa missão* e folheando, capítulo por capítulo, não encontrei nenhuma referência sobre o colega australiano ganhador do Prêmio Nobel em 1996. Mesmo sendo uma “história da Medicina Veterinária paulista”, nas páginas iniciais encontram-se reproduções de quadros com diversas cenas europeias sobre a medicina veterinária (uma bela iconografia histórica). E no final, na página 262, é exibido um quadro com a figura de Louis Pasteur (1822-1895), merecida e oportuna homenagem. Pena que na página 263 não se tenha colocado a fotografia do Prêmio Nobel, Peter Doherty...

De: Myla Rzezak [<mailto:mylarzezak@hotmail.com>]

Assunto: Artigo sobre DRA Hannelore

Muito bonito a artigo do professor Stopiglia sobre a Dra. Hannelore Fuchs. Lembro-me dela indo visitar um lar de idosos na Freguesia do Ó. O professor citou relatos que eu não conhecia. Parabéns!

De: Claudia Kerber [<mailto:claudiakerber62@gmail.com>]

Assunto: editorial APAMVET

Li e gostei muito do comentário sobre a diminuição da qualidade dos cursos de veterinária. Fato lamentável mesmo. Não tem como a gente não se identificar.

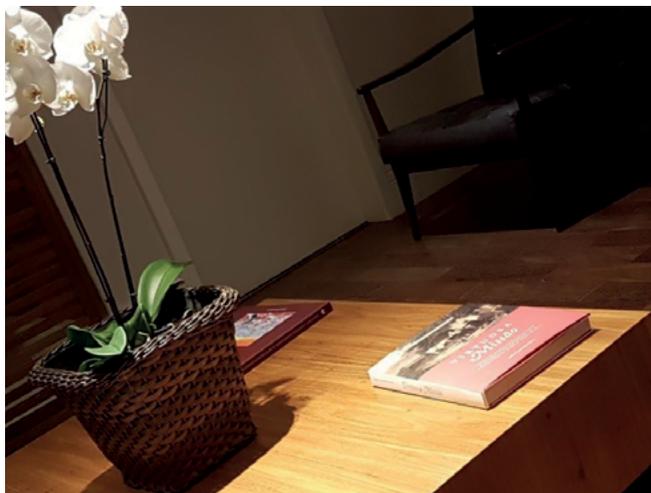
Outro assunto: Redemar Alevinos, empresa parceira do projeto, vai oferecer dois cursos que não existem no Brasil: Criação de alevinos de peixes marinhos e Produção de alimento vivo para fins de aquicultura. Além disso, em breve a Fundação Boticário vai financiar o projeto “Garoupas ao mar”. Aguardem notícias!

De: Franklin Carvalho- revisor

Adorei o artigo da Alice Frank sobre a Síndrome de Burnout. Em geral, entre muitas traduções e revisões que faço, encontro poucos textos “humanos”, escritos para serem ouvidos. Esse foi um deles.

De : Eduardo Harry Birgel

Enquanto aguarda a chamada para consulta encontra o livro na mesa da sala de espera. Grata surpresa!



ESTAMOS ON LINE

Visite o site da APAMVET e veja todas as edições do Boletim
O site terá outras publicações de interesse da classe

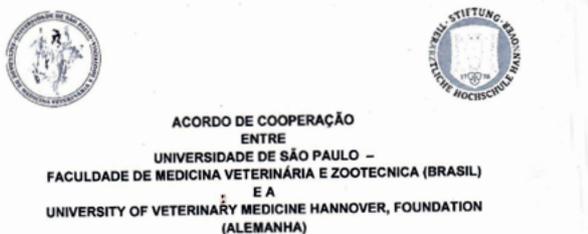


www.apamvet.com.br



Renovação do convênio acadêmico entre a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP (FMVZ-USP) e a Faculdade de Medicina Veterinária de Hannover (Tiho).

A renovação do convênio acadêmico entre a Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP (FMVZ-USP) e a Faculdade de Medicina Veterinária de Hannover (Tiho) dá continuidade à parceria de pesquisa e de intercâmbios existentes há décadas, permitindo a mobilidade de discentes e de docentes entre as duas instituições. A assinatura desta parceria 2018/2023 aconteceu na FMVZ-USP em agosto de 2018, durante a comemoração dos 60 anos de cooperação entre Brasil e Alemanha.



Universidade de São Paulo – Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia e a University of Veterinary Medicine Hannover, Foundation, desejando fortalecer as relações entre as duas universidades para desenvolver intercâmbio acadêmico e cultural nas áreas de educação, pesquisa e outras atividades, concordam em cooperar e trabalhar juntos visando à internacionalização do ensino superior.

As áreas de cooperação incluirão qualquer programa de intercâmbio oferecido em ambas as instituições, as quais serão determinadas por serem desejadas e factíveis para o alcance deste objetivo. Contudo, qualquer programa de intercâmbio específico será objeto de disponibilidade de fundos a mútuo acordo entre as instituições. Tais programas incluem:

- Intercâmbio de docentes
- Intercâmbio de estudantes
- Intercâmbio de materiais, publicações e informações científicas
- Projetos de pesquisas conjuntas
- Conferências conjuntas
- Programas culturais conjuntos
- Outras atividades acordadas entre ambas as Partes.

Os termos desta parceria e cooperação deverão ser discutidas e objetos de convênio, por escrito, acordado entre os responsáveis de ambas as instituições antes da implementação de qualquer programa ou atividade.

Este acordo de cooperação se tornará efetivo quando de sua assinatura e válido por cinco anos. O acordo deverá ser renovado em até um ano antes de sua conclusão. Poderá ser estendido ou complementado por meio de aditivos por meio de acordos mútuos, por escrito. José Antonio Visintin

Dean
School of Veterinary Medicine &
Animal Science
University of São Paulo

Prof. Dr. José Antonio Visintin
Diretor
Universidade de São Paulo
Veterinária e Zootecnia

Data, 22 Agosto 2018

Prof. Dr. h. c. mult. Gerhard Gref
Präsident
University of Veterinary Medicine
Hannover, Foundation

Dr. Dr. h. c. mult. Gerhard Gref
Präsident
University of Veterinary Medicine
Hannover, Foundation

Data, 22. August 2018



O Diretor da FMVZ da USP não poupou esforços para conseguir renovar a parceria com a Fundação da Universidade de Medicina Veterinária de Hannover para permitir um profícuo intercâmbio de professores e alunos além do desenvolvimento de projetos conjuntos.

Este convênio vem coroar uma cooperação entre Brasil e Alemanha na área da veterinária que dura mais de 60 anos.

Prof. Dr. José Antonio Visintin

Conselho Regional de Medicina Veterinária de São Paulo Lança “on Line “ da Revista de Educação Continuada

Atendendo a reclamações de veterinários sobre o desperdício de papel, o que veio a reforçar o projeto (que já estava em fase de elaboração) de eliminar os altos custos do Correio, a Diretoria do CRMV colocou para aprovação em reunião plenária a transformação da edição em papel para a edição on-line da Revista de Educação Continuada. São muitas as vantagens: os artigos podem ser acessados via computador e baixados nos seus arquivos particulares, há um índice remissivo que permite localizar melhor as matérias. Abaixo, veja como funciona:



Está no ar o site da Revista mv&z

Acesso livre e facilitado a artigos de diferentes áreas da Medicina Veterinária e Zootecnia produzidos por alunos, professores e pesquisadores.

A Revista mv&z celebra 20 anos e quem ganha o presente é você!

- ✓ Pesquise por edições anteriores;
- ✓ Faça buscas por palavra-chave e nome do autor;
- ✓ Leia os artigos no seu computador, celular ou tablet.

A iniciativa tem como objetivo promover a educação continuada e democratizar ainda mais o acesso à informação de qualidade.

Acesse:

revistamvez-crmvsp.com.br

mv&z

Por cortesia do Acadêmico Percy Infante Hatschbach iniciamos uma coluna:



Historiografia da Medicina Veterinária a cargo deste historiador e médico veterinário, membro da Academia Brasileira de Medicina Veterinária: Anualmente, desde 1905, a Fundação Alfred Nobel, na Suécia, outorga o Prêmio Nobel às mais importantes pesquisas em diversas áreas do conhecimento humano, entre elas as Ciências Médicas.

- Nascido em 11 de fevereiro de 1939, na cidade de Santo Antônio da Platina, Paraná.
- Egresso da Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, no ano de 1962.
- Curso de pós-graduação em Patologia Veterinária Tropical no “Institut d’Élevage et de Médecine Vétérinaire des Pays Tropicaux”, em Paris, França (1963-64).
- Curso de Malariologia na Faculdade de Higiene e Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP) (1965).
- Mestrado em Parasitologia Veterinária no Instituto de Medicina Tropical Príncipe Leopoldo, Antuérpia, Bélgica (1966-67).
- Professor de Parasitologia Veterinária no Departamento de Parasitologia do Instituto Bio-Médico da Universidade Federal Fluminense (UFF), em Niterói, RJ (1970-75).
- Médico-veterinário sanitário no Departamento de Sanidade Animal da Secretaria da Agricultura do Estado de Goiás (1976-97).
- É membro das seguintes instituições: Academia Brasileira de Medicina Veterinária, Associação Mundial de História da Medicina Veterinária, Sociedade Inglesa de História da Veterinária e do Instituto Paranaense de História da Medicina e Ciências Afins.
- Tendo participado de vários congressos mundiais e nacionais de Medicina Veterinária, instalou, na cidade do Rio de Janeiro, o primeiro Laboratório Veterinário de Análises Clínicas do Brasil, que funcionou no período de 1970 a 1975. ■

Historiografia da medicina veterinária

PETER CHARLES DOHERTY

Médico-veterinário australiano ganha Prêmio Nobel de Medicina



Em outubro de **1996**, a imprensa mundial informava que o Prêmio Nobel de Medicina tinha sido outorgado aos cientistas PETER CHARLES DOHERTY, médico-veterinário australiano, e ROLF ZINKERNAGEL, médico suíço. Os dois pesquisadores foram agraciados com o Prêmio Nobel pela descoberta de como

o sistema imunológico dos seres humanos reconhece células infectadas por vírus. Além da importância da pesquisa premiada, PETER C. DOHERTY hoje faz parte da historiografia mundial das ciências biomédicas e é o **primeiro** médico-veterinário a ter recebido tal distinção honorífica. Mas quem é Peter Charles Doherty? Sua biografia relata que é de nacionalidade australiana, tendo nascido no dia 15 de outubro de 1940, na cidade de Brisbane, ao leste da Austrália, capital do estado de Queensland.

- 1957 – Prestou vestibular para a Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade de Queensland, diplomando-se em 1962.
- 1963 a 1966 – Trabalhou como pesquisador no Instituto de Pesquisa Animal de Brisbane.
- 1967 – Foi contratado como pesquisador-principal (“Senior Scientific Officer”) pelo Departamento de Patologia Experimental do Instituto de Pesquisa Moredun, na cidade de Edimburgo, Escócia.
- 1970 – Recebeu o grau de “Doutor” pela Universidade de Edimburgo, Escócia.
- 1972 a 1975 – Exerceu o cargo de pesquisador-visitante no Departamento de Microbiologia da “The John Curtin School of Medical Research”, da Universidade Nacional da Austrália, situada na capital Camberra.
- 1976 a 1982 – Professor-associado do Instituto Wistar, situado na Filadélfia, estado da Pensilvânia, USA.
- 1983 – Regressou ao país natal, Austrália, para assumir a função de diretor e professor no Departamento de Patologia Experimental na “The John Curtin School of Medical Research”, em Camberra.
- 1988 – Assumiu a função de diretor do Departamento de Imunologia do “St. Jude Children’s Research Hospital”, situado em Memphis, Tennessee, USA.
- 1992 – Professor-adjunto no Departamento de Patologia Pediátrica da Faculdade de Medicina da Universidade do Tennessee, em Memphis, USA.
- 1993 – Recebe o título de “Alumnus of the Year”, da Universidade de Queensland, Austrália.
- 1995 – Peter C. Doherty e Rolf Zinkernagel recebem o prêmio “The Albert Lasker Medical Research”, outorgado pela Fundação Lasker, com sede em Nova York, USA.
- 1996 – Peter C. DOHERTY e Rolf ZINKERNAGEL são agraciados com o Prêmio Nobel em Medicina, pelas importantes pesquisas em imunologia animal e humana.* ■



Veterinária de precisão

Conversando com Dr. Luiz Luccas – fevereiro 2019

<https://www.bvs-vet.org.br/vetindex/periodicos/boletim-apamvet/>

Caros Colegas,

O conjunto de todas as atividades econômicas e comportamentais que integram o mercado pets é, sem dúvida, um dos maiores fenômenos socioeconômicos de nossa era. Praticamente todas as sociedades estão simultaneamente passando por um crescimento sem paralelo desse setor, até mesmo a China, onde até recentemente pets eram considerados um luxo burguês (ou mesmo alimento), em 2018 esse segmento superou a marca dos 25 bilhões de dólares, inferior apenas aos EUA com mais de 70 bilhões de dólares. No Brasil, também em 2018 essa cifra atingiu R\$ 20 bilhões, e tem crescido a uma velocidade maior que a maioria de outros setores.

No coração desse fenômeno encontram-se a relação emocional e coabitação de humanos e pets. Superados obstáculos como zoonoses, de saúde e nutrição, o comportamento adaptativo de ambos se torna o principal fator de sustentação dessa relação e, conseqüentemente, desse mercado daqui em diante. Nesse sentido o adestramento inteligente assume vital importância e conhecer suas tendências e influências é fundamental para qualquer profissional da área, em especial para médicos-veterinários.

Para falar sobre este tema, convidei meu amigo e profissional que admiro muito, Alexandre Rossi.

Seu nome dispensa apresentações. Formado em zootecnia pela Universidade de São Paulo (USP) e graduando de Medicina Veterinária pela Faculdades Unidas Metropolitanas (FUM), Alexandre Rossi possui especialização em Comportamento Animal e obteve o primeiro título de especialista na área na Universidade de Queensland, em 1997. Autor de dez livros, apresentador de TV e presença constante em todas as mídias e fóruns internacionais, Alexandre consegue conciliar um profundo conhecimento em etologia com uma linguagem simples e atraente, razão de seu imenso sucesso.

Recentemente tivemos uma longa conversa sobre a evolução do adestramento, em especial sobre uma nova escola chamada de Adestramento Positivo, conversa que resumo a seguir:

O Adestramento Positivo e suas conseqüências nem sempre positivas.

Luiz: Os pais e mães de hoje estão vivendo um paradoxo preocupante. O ritmo alucinado do nosso tempo produz neles uma sensação de culpa por acharem que não estão dando atenção suficiente aos seus filhos. Como mecanismo compensatório, procuram garantir a felicidade deles atendendo ao máximo

suas necessidades materiais e impondo menos limites. Isso tem criado gerações cada vez menos tolerantes a frustrações e conseqüentemente menos felizes, justamente aquilo que mais buscavam. Essa situação tem alguma correlação com o que ocorre com adestramento de pets atualmente?

Alexandre: Sim, tem total correlação e infelizmente com conseqüências também contrárias ao que buscam. Não há dúvida que a ciência e a prática do adestramento evoluíram muito nas últimas décadas. O uso de métodos violentos e agressivos são hoje intoleráveis e cada vez menos frequentes. A violência contra animais é abominada hoje tanto quanto aquela violência contra seres humanos, o que é uma clara evolução. Contudo, não podemos correr o risco de distorcer a realidade, deixando de lado a ciência do comportamento animal, o que infelizmente tem acontecido com frequência e com resultados decepcionantes.

Luiz: Como se dá essa distorção?

Alexandre: Muitos tutores hoje em dia também se sentem culpados, não somente por uma possível falta de atenção aos seus pets, mas também por exercerem alguma forma de dominação sobre eles, algo naturalmente normal. Amam seus pets profundamente e procuram expressar esse amor evitando a todo custo criar situações desagradáveis para eles, mesmo as mais inofensivas. Isso gera um grande impacto no adestramento, na aceitação por parte do tutor de qualquer forma de desconforto no processo de aprendizado, um exagero que não ocorre na natureza.

Luiz: E os profissionais e estudiosos em comportamento, o que dizem sobre isso?

Alexandre: Essa tendência, amparada talvez por interesses mercadológicos, tem influenciado um número enorme de profissionais e estudiosos do comportamento animal a ponto de se tornar a principal corrente metodológica hoje em dia, o chamado Adestramento Positivo. Essa corrente está revendo e redefinindo muitas das práticas e métodos utilizados até hoje, o que é sempre bem-vindo, apesar de que em inúmeros casos os resultados, na prática, sejam o oposto do esperado.

Luiz: Há embasamento teórico para essa forma de adestramento?

Alexandre: De certa forma. O Adestramento Positivo, seria baseado em dois pilares teóricos. De um lado, o

Behaviorismo Metodológico ou Radical e, de outro, a própria Psicologia Positiva, ramo recente da psicologia que, apesar de não possuir qualquer relação com comportamento animal, emprestou seu nome a essa corrente. No caso do Behaviorismo Metodológico esse fundamento parece mais claro. Estudos de Skinner mostraram claramente que animais que aprendem através de punições desenvolvem comportamentos neuróticos e compulsivos, claramente indesejáveis. Contudo, vale lembrar que as punições usadas nesses estudos antigos eram na maioria das vezes choques elétricos e privações, que possuem pouca ou nenhuma semelhança com situações normais que ocorrem no meio ambiente, campo de estudo da Etologia. Nesse sentido, os defensores do Adestramento Positivo adotam um pensamento menos etológico e mais behaviorista, um equívoco a meu ver. No meio ambiente os animais aprendem através de estímulos e recompensas positivas ou negativas, sem que isso leve necessariamente a comportamentos compulsivos.

Luiz: E no caso da Psicologia Positiva?

Alexandre: Aqui o vínculo é não menos equivocado. O uso do termo Positivo, em si já procura criar uma divisão entre o que consideram negativo, ou seja, o uso de qualquer tipo de desconforto, o que na prática quase sempre não ocorre. A Psicologia Positiva dá maior ênfase à busca da felicidade humana em relação às doenças mentais. Creio que muitos dos defensores do Adestramento Positivo erroneamente acreditam que a conquista da felicidade humana e animal se daria através da supressão de qualquer desconforto. Tive a oportunidade de estudar profundamente Psicologia Positiva e um dos aspectos fundamentais na busca da felicidade é a resiliência, a capacidade que temos de resistir e superar experiências desagradáveis, retornando ao nosso estado original. Se não experimentarmos desconfortos mesmo que mínimos, jamais saberemos como superá-los no dia a dia. Isso é válido também para os animais. A minha fórmula particular de felicidade leva em conta um equilíbrio entre experiências positivas e negativas.

Luiz: Quais são as consequências práticas disso tudo?

Alexandre: Infelizmente decepcionantes, principalmente em casos, digamos, mais graves. Vou dar alguns exemplos que conheço. Imagine um cão com problemas de agressividade com outros cães, quando vai passear. Em primeiro lugar, muitos profissionais que adotam o Adestramento Positivo sequer reconhecem como válido o termo "agressividade". Muitos preferem utilizar o termo "reatividade", um eufemismo sem fundamento científico. A Etologia diferencia claramente agressividade, que é um comportamento proativo, de reatividade. Nesses casos e em muitos outros casos, o Adestramento Positivo preconiza uma das técnicas incluídas no Behavior Alternative Training (BAT) 2.0 que é levar esse animal a um local isolado, com o mínimo de estímulos e submetê-lo a uma exposição gradual a um boneco de cão. Inicia-se a exposição à grande distância, que é lentamente diminuída até que haja a esperada dessensibilização. Essa metodologia exige uso frequente e prolongado de ambientes isolados, na maioria dos

casos sítios, fazendas ou chácaras. Além disso, enquanto durar esse processo, o cãozinho deve ser monitorado o tempo todo pelo tutor em casa até que haja sucesso no treinamento. Dá para ver que são exigências muito difíceis de serem cumpridas na prática e, mesmo quando tudo isso é possível, muitos cães infelizmente não reagem da forma esperada. O resultado mais comum nesses casos é o isolamento do animal do seu proprietário, que vão evitar passeios, convívio com outros animais, acesso a diferentes lugares, objetos e pessoas, o que só reforça o problema. Outro tipo de caso muito comum são cães que gostam de revirar lixo, por exemplo. Nesses casos o Adestramento Positivo preconiza a alteração do ambiente em primeiro lugar, ou seja, o tutor deve retirar o acesso a todas as lixeiras da casa. Estou usando aqui o caso das lixeiras como exemplo, apenas. Imagine isso para qualquer coisa que atraia o animal, como plantas, tapetes, roupas, mobília ou outros objetos. Isso envolve uma enorme mudança de comportamento e de estilo de vida por parte da família que é virtualmente impossível de acontecer. No mundo real, o resultado mais comum do insucesso dessas técnicas é o isolamento do animal do convívio familiar, uma experiência tremendamente negativa tanto para o pet como para os seus tutores. Inúmeros outros comportamentos inadequados estão sendo infelizmente remediados dessa maneira, tais como a agressividade com estranhos ou com outros animais. Soube de casos que cães são deixados o tempo todo em caixas de transporte e quando saem são monitorados o tempo todo por seus tutores, uma situação muito desagradável, que só leva a um aumento desse isolamento. Trata-se de uma enorme violência, exatamente aquilo que se buscava evitar.

Luiz: São situações muito dramáticas as que você descreve. Os tutores e os demais especialistas em comportamento não conseguem enxergar isso? O que eles acham?

Alexandre: Os tutores diante de problemas desse tipo conseguem entender perfeitamente os limites dessa metodologia. Quando explico e demonstro o que deve ser feito para corrigir o problema, que são necessários desconfortos mínimos, mas com resultados muito positivos e rápidos, de que tudo é feito com muito amor e respeito aos animais, aceitam perfeitamente que se faça uma abordagem diferente. O problema que vejo é que muitos adestradores e especialistas que adotam essa nova escola têm dificuldade de abordar esse tema com seus clientes, talvez até por medo de perdê-los ou mesmo devido a um certo policiamento por parte de colegas e outros especialistas. Participo de inúmeros congressos internacionais e muitos especialistas de renome que defendem publicamente essa escola, em off, me contam sobre suas frustrações e sobre os limites dessa metodologia. Em público adotam uma postura, digamos, politicamente correta evitando abordar esses temas temendo conflitos com demais especialistas e em muitos casos com a mídia.

Luiz: Pelo que estou vendo esse é um caso delicado que envolve não só ciência, mas também sentimentos e até reputações. Contudo os insucessos dessa metodologia

podem ter consequências bem negativas não só para os pets e tutores individualmente, mas para toda a sociedade e precisam ser abertamente discutidos. Você concorda?

Alexandre: Concordo. Na Cão Cidadão, minha franquia de adestramento, procuro discutir estes temas abertamente, escutando as diferentes opiniões, analisando situações e propondo abordagens diferenciadas, caso a caso. Não estou dizendo que o Adestramento Positivo não possui méritos e mesmo resultados interessantes, porém sou contra que ele seja adotado como um dogma, algo que não possa ser discutido ou contrariado. Não podemos ignorar toda a ciência, todo conhecimento etológico que embasa o adestramento até então.

O impacto desses resultados frustrantes que comentei podem ser muito grandes não só em termos individuais, mas também sociais. Estatísticas da Inglaterra, Estados Unidos e de outros países mostram que os problemas comportamentais são de longe as principais causas que levam animais para abrigos e até a eutanásia. No Brasil não temos dados a esse respeito, mas nossa experiência mostra que as pessoas recorrem à doação ou mesmo ao abandono dos animais como forma de se livrar do problema. Uma tragédia. Me pergunto quantos dessas mortes e abandonos poderiam ter sido evitadas se um adestramento adequado fosse feito. Não podemos deixar que isso continue ou que se intensifique.

É papel dos especialistas, adestradores, da mídia e até de celebridades ligadas às causas animais entender e alertar os tutores quanto aos limites dessa nova escola. O objetivo de todos é dar a melhor solução para os problemas que envolvem comportamento animal em sua convivência na sociedade humana, independentemente de dogmas. Sou otimista, e acredito que todo esse processo é parte de uma evolução em favor de uma relação cada vez melhor entre pets e seres humanos. Essa é a minha missão, que procuro passar sempre que posso aos meus colegas, ao público e aos franqueados da Cão Cidadão. ■

Sobre o autor

Alexandre Rossi
Zootecnista e médico veterinário, especializado em comportamento animal.

Se você quiser sugerir um tema ou entrevistado para minhas próximas colunas, por favor escreva para: luiz.luccas@ahld.com.br



Clipping

As discretas passarelas dos gatos suíços. — REVUE SUISSE — julho 2018

As escadas para gatos, em zonas residenciais da Suíça, especificamente em Berna, capital do país, constituem um fenômeno urbano tanto típico quanto desconhecido e que ainda não foi observado em outros lugares no mundo.

Uma grande habilidade arquitetônica ambiental permite construir passarelas entre o espaço de vida em liberdade e o lar aconchegante. Escadas em caracol, escadas basculantes, dispositivo em zigue-zague e tantos outros. Embora haja uma densidade relativamente grande destas instalações para gatos, nunca foram objeto de estudo.

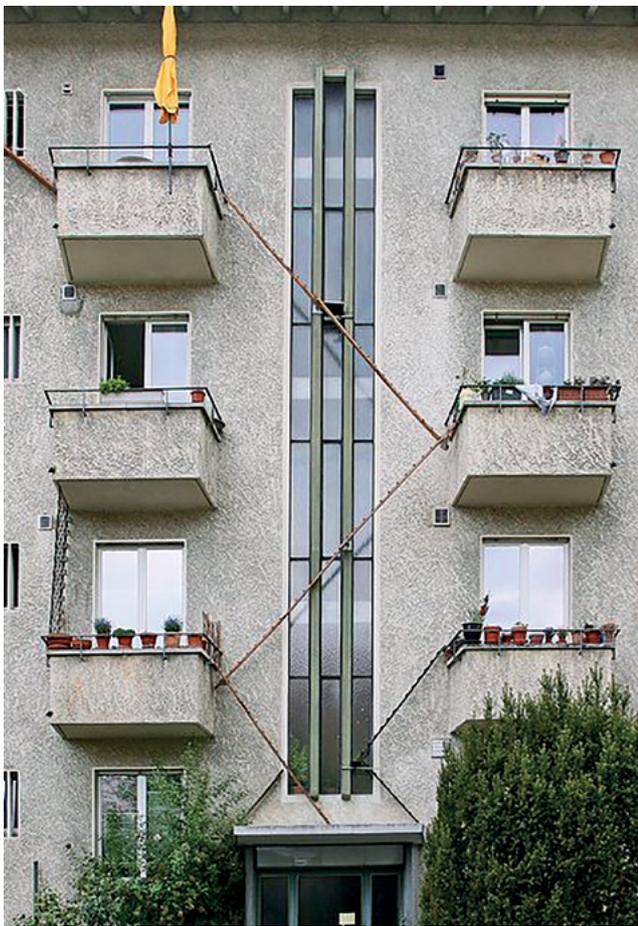
Uma estudiosa, grafista e fotógrafa, Brigitte Schuster (brigitteschuster.com/swiss-cat-ladders) está escrevendo uma obra de referência sobre as relações entre cidadãos e este animal doméstico. Ela combina uma visão sociológica, arquitetônica ambiental e estética, e seu objeto de estudo a leva a se perguntar se, finalmente, as escadas não seriam mais importantes para os indivíduos do que para os gatos: elas mostram a necessidade que os humanos têm de propiciar a seus animais um acesso fácil aos seus domicílios.



O livro estará pronto em 2019.

Alguns comentários surgiram: gatos precisam de liberdade e, dependendo do andar no qual vivem, não têm livre acesso ao exterior. Além disso, as escadas constituem um ambiente lúdico ideal e melhorador de sua saúde pois propiciam exercícios que outros gatos, continuamente mantidos presos e fechados, não têm. Pode parecer uma ideia insólita, mas é o amor aos animais traduzido em infraestrutura. AD.





O exemplo da cidade de Berna, capital federal da Suíça, está no centro das pesquisas. Fotos : Brigitte Schuster



De: Marc Lettau [mailto:redaktion@aso.ch]
Assunto: WG; article paru dans le N° de juillet 2018

Organisation des Suisses de l'étranger Alpenstrasse 26
CH - 3006 Berne

Tél. +41 (0)31 356 61 00

Fax +41 (0)31 356 61 01

www.aso.ch - www.revue.ch -redaktion@aso.ch

Esporotricose: situação na cidade de São Paulo e a importância do clínico veterinário na vigilância dessa zoonose

Por **Elisabete Aparecida da Silva***, **Fernanda Bernardi***, **Maria Cristina Novo C. Mendes***, **Andrea Aparecida M. B. Ferreira*** e **Hildebrando Montenegro****.

Resumo: Esporotricose é uma zoonose causada pelo fungo *Sporothrix sp* e transmitida por inoculação do agente na pele de animais e pessoas. Em 2011, o Centro de Controle de Zoonoses (ccz*) identificou o primeiro surto da doença na cidade de São Paulo. Até 2018 foram diagnosticados 955 gatos e 13 cães com a zoonose. O clínico veterinário tem importante papel na identificação e notificação de animais doentes aos Serviços de Zoonoses, para detecção precoce de novos casos e áreas com transmissão, na orientação aos cuidadores sobre as medidas de prevenção, tratamento e manejo adequado dos doentes, visando evitar o abandono e diminuir a transmissão.

Palavras-chave: esporotricose, zoonose, vigilância, surto, gatos.

Introdução

Esporotricose é uma micose causada pelo fungo *Sporothrix sp*, presente no solo e em material orgânico de origem animal ou vegetal. Acomete o homem e diferentes espécies animais. É adquirida principalmente pela inoculação do fungo através da pele (LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; PEREIRA et al., 2014; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013). O agente patogênico identificado na cidade de São Paulo é *Sporothrix brasiliensis*⁵.

A doença geralmente se manifesta com lesões cutâneas, subcutâneas e acometimento de vasos linfáticos adjacentes. Em raras ocasiões, pode se disseminar para outros órgãos (GALHARDO et al., 2015; GREMIÃO et al., 2015; LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; PEREIRA et al., 2014; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013). Em humanos, a forma frequente é a cutânea linfática (BARROS et al., 2010). No gato, manifesta-se com lesões exsudativas de rápida evolução, normalmente em região cefálica, auricular, plano nasal e membros torácicos. Sintomas respiratórios como espirros com epistaxe são frequentes (GALHARDO et al., 2015; GREMIÃO et al., 2015; LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; PEREIRA et al., 2014; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013). O papel do gato na transmissão da micose passou a ter importância a partir dos anos 1980, com relatos em literatura de surtos no Rio de Janeiro envolvendo pessoas que sofreram arranhaduras, mordeduras ou contato com

exsudatos de lesões de animais doentes (BARROS et al., 2010; GALHARDO et al., 2015; GREMIÃO et al., 2015; PEREIRA et al., 2014).

Ações de vigilância na detecção da situação da doença em São Paulo

Até 2010, apesar das tentativas de isolamento do fungo, não foram identificados pelo ccz animais com o agente e há relatos em publicações de casos isolados e esporádicos em São Paulo/SP (LARSSON, 2011; LARSSON et al., 1989; ROSSI; ODAGUIRI; LARSSON, 2013).

Em maio de 2011, a partir de rumor sobre presença de gatos doentes, detectou-se transmissão da zoonose, no Distrito Administrativo (DA) de Itaquera, zona leste de São Paulo, sendo diagnosticados 62 gatos e 10 pessoas com a doença, caracterizando o primeiro surto na capital paulista. Todas as pessoas eram contactantes dos animais doentes e foram encaminhadas para atendimento médico no Instituto de Infectologia do Hospital Emílio Ribas (SILVA et al., 2015).

Ações de vigilância estabelecidas pelo ccz, em parceria com Centro de Controle de Doenças, permitiram detecção desse surto e posteriormente em outras regiões da cidade. As ações consistem na busca ativa de novos casos em animais e pessoas, orientação do tratamento e prevenção, divulgação dessa zoonose aos profissionais de saúde das Unidades de Vigilância em Saúde (uvis), clínicos veterinários, entidades de classe e faculdades, entre outros. Essa metodologia vem propiciando a detecção de animais esporotricóticos em outras regiões da cidade e principalmente a detecção precoce em pessoas (SILVA et al., 2015).

O diagnóstico nos animais é realizado por isolamento em meio de cultura de amostra coletada do exsudato das lesões com swab estéril acondicionada em meio de transporte (Stuart). Esse método facilita a coleta e diminui o risco de acidente durante o procedimento (Foto 1). As amostras são processadas no laboratório de diagnóstico do ccz, por inoculação em meio de cultura e identificação do *Sporothrix* (SILVA et al., 2015). A identificação do agente fúngico por citologia é mais rápido, resultando no tratamento mais precoce, mas preconiza-se a confirmação por cultura.

Os proprietários são orientados sobre a doença, como fornecer a medicação misturada na alimentação pastosa, evitando risco de infecção (Fotos 2 e 3), a domiciliação, cuidados com o animal e notificação ao ccz sobre intercorrências como óbito, para incineração do corpo ou sobre o aparecimento de lesões em pessoas (SILVA et al., 2015).

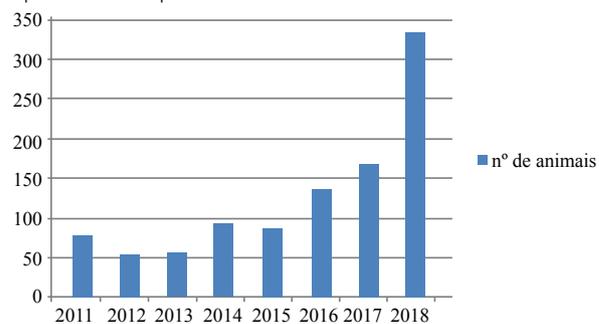
O tratamento adequado exitoso no gato (Fotos 4, 5, 6 e 7) e a abordagem criteriosa com seu responsável têm evitado a desistência aos cuidados, prevenindo o abandono, apesar do prolongado tempo de tratamento, que dura em média 6 meses (SILVA et al., 2015). Tem-se preconizado o Itraconazol (ITZ) na dose de 20 mg/kg/SID

e quando não responsiva ao ITZ, associa-se o Iodeto de Potássio (2,5mg/kg/Sid)

De 2011 a 2018 foram diagnosticados 968 animais com a doença (Gráfico 1). Os gatos são mais vitimados e apenas 13 cães (Fotos 8 e 9) foram confirmados em diferentes DAs.

Em 2018 há significativo aumento (49,5%) de casos animais (Gráfico 1) e maior dispersão para outras áreas da cidade, em relação a 2017. Tem-se observado, por relatos dos responsáveis, que vários animais foram encontrados e adotados por estarem "machucados", em regiões diferentes do local de residência, inclusive de outras cidades, o que pode ser um fator importante na dispersão da doença (Mapa 1).

Gráfico 1. Número de animais diagnosticados com esporotricose por ano, cidade de São Paulo, 2011 a 2018.



Fonte: CCZ e UVIS.

GATOS E CÃES COM LESÕES DE ESPOROTRICOSE E ALGUNS COM O RESULTADO DO TRATAMENTO.



Na cidade de São Paulo, a notificação deve ser encaminhada para o e-mail: zoonoses@prefeitura.sp.gov.br, com dados do animal, do proprietário e do médico veterinário.

O CCZ disponibiliza o diagnóstico laboratorial, segue orientação do encaminhamento de amostra a ser entregue com o formulário, Anexo I.

Anexo I. Ficha para encaminhamento de material para diagnóstico laboratorial de esporotricose ao Laboratório de Diagnóstico de Zoonoses do CCZ/SP.

Ficha de encaminhamento de amostra para diagnóstico de esporotricose ao laboratório de diagnóstico do CCZ de São Paulo

Dados do proprietário:			nº amostra:
Nome:			
Endereço:			
Tel:	bairro:	cidade:	
Dados do animal:			espécie:
Nome:	idade:	raça:	sexo:
Pelagem:	local de lesão:		
Nome da clínica veterinária:			
Endereço:			tel:
Bairro:		cidade:	
Médico-veterinário que fez a coleta:			
Email:	tel:	Material coletado:	data coleta: ___/___/___
Suspeita de lesão em pessoas: <input type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim			
Nome:			tel: _____

Fluxo de encaminhamento: A amostra para diagnóstico deve ser coletada em swab estéril e mantida em frasco com meio de transporte (Meio Stuart); anotar no frasco de coleta o nome do animal, data da coleta e o número da amostra no frasco e na Ficha de Encaminhamento. Caso a amostra não seja enviada no mesmo dia, manter sob refrigeração (4 a 8°C). Enviar o frasco do material coletado com a Ficha de Encaminhamento para o Laboratório de Diagnóstico de Zoonoses do CCZ de São Paulo, Rua Santa Eulália, 86 – Santana – de segunda a sexta, das 8:00 às 17:00 hs. Telefone: (11) 3397-8900

* O Centro de Controle de Zoonoses da Coordenação de Vigilância em Saúde, da Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, passou a ser denominado Divisão de Controle de Zoonoses, em setembro de 2017.

Referências

1. BARROS M. B. L. *et al.* Esporotricose: a evolução e os desafios de uma epidemia. **Revista Panamericana de Salud Pública**, [S. l.], v. 27, n. 6, p. 455-460, 2010.
2. GALHARDO M. C. G. *et al.* Epidemiological aspects of Sporotrichosis epidemic in Brazil: topical collection on fungal infections of skin and subcutaneous tissue. **Current Fungal Infection Reports**, [S. l.], v. 9, n. 4, 2015.
3. GREMIÃO, I. D. F. *et al.* Feline sporotrichosis: epidemiological and clinical aspects. **Medical Mycology**, Oxford, v. 53, n. 1, p. 15-21, 2015.
4. LARSSON, C. E. *et al.* Feline sporotrichosis: clinical and zoonotic aspects. **Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo**, São Paulo, v. 31, p. 351-358, 1989.
5. LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, [S. l.], v. 48, n. 3, p. 250-259, 2011.
6. MONTENEGRO H. *et al.* Feline sporotrichosis due to Sporothrix brasiliensis: an emerging animal infection in Sao Paulo, Brazil. **BMC Veterinary Research**, [S. l.], v. 10, p. 269, 2014.
7. PEREIRA, A. S. *et al.* The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil, 2013.

8. SILVA E. S. *et al.* Surto de esporotricose em gatos – investigação e ações de controle, município de São Paulo/SP. **Boletim Epidemiológico Paulista**, São Paulo, v. 12, n. 133, p. 1-16, 2015. ■

Sobre os autores

¹ Elisabete Aparecida da Silva
e-mail: elisabeteas@prefeitura.sp.gov.br
*Médicos-veterinários do Centro de Controle de Zoonoses da cidade de São Paulo, covisa, SMS.



** Biólogo do Centro de Controle de Zoonoses da cidade de São Paulo, covisa, SMS.

Contato: e-mail: zoonoses@prefeitura.sp.gov.br,
telefone: *33978918 e **33978951

Marketing Pet

O Boletim APAMVET abre este espaço para discutir a evolução do mercado pet e tentar apontar algumas tendências do mercado.

As entrevistas estão sendo realizadas apenas na cidade de São Paulo. Inicialmente a redação do Boletim visitou a empresa PETZ e ouviu a Dra. Aline Giovanetti, diretora de negócios veterinários da empresa. A redação do Boletim também esteve na Clínica Sena Madureira e conversou com Dr. Mário Marcondes, diretor do empreendimento.

Visão da diretora da Petz:

Boletim APAMVET: Dra. Aline, gostaríamos de ter uma visão geral da tendência do mercado veterinário pet, por exemplo, como você avalia a concentração em grandes unidades hospitalares 24 horas com internação e “serviço leva e traz” com unidades satélites que abastecem a unidade central. Cada unidade atende só cães, só gatos, ambos em entradas separadas ou ambos mais os pets exóticos?

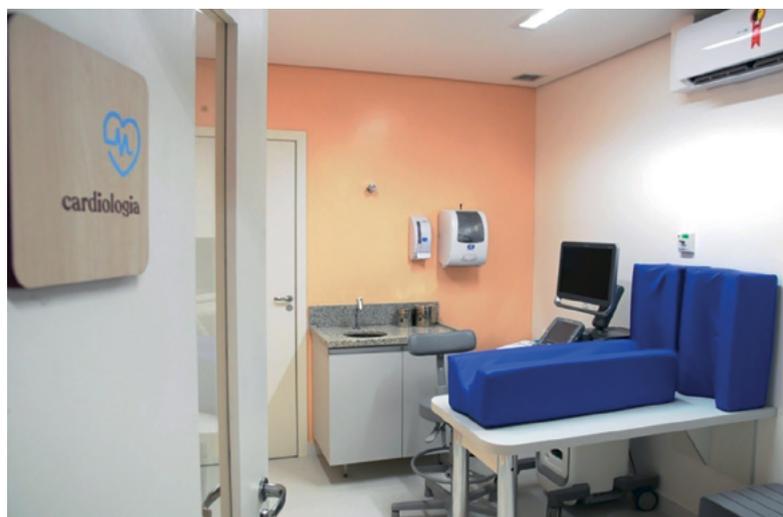
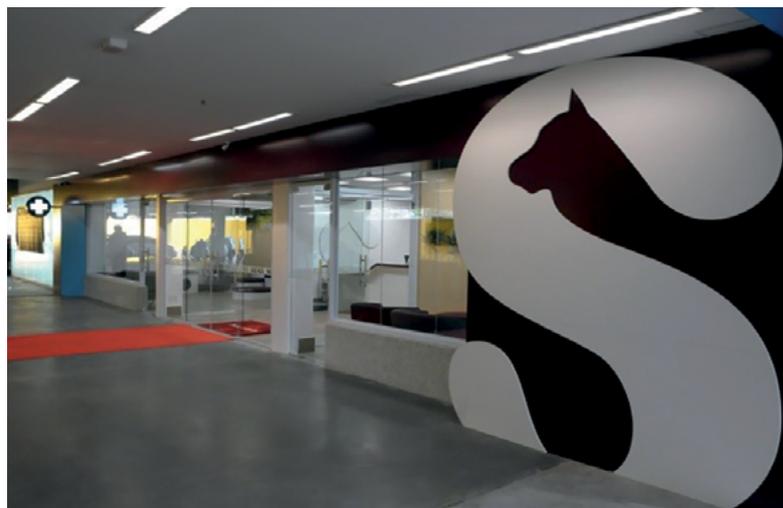
Dra. Aline: Temos hoje três operações hospitalares 24 horas em São Paulo. As três atendem cães, gatos e silvestres. Nosso hospital-conceito inaugurado em dezembro de 2018 na rua Ricardo Jafet possui fluxo de atendimento de felinos completamente separado das demais espécies, inclusive com ambiente de espera, consultório e ala de internação completamente segregados. A tendência é que nossos novos hospitais sigam esse padrão, que entendemos melhorar bastante a experiência do paciente e a qualidade da avaliação médica dos pets (menor atrito e estresse aos animais).

Contamos hoje com uma rede que engloba, além dos três hospitais 24 horas, clínicas com centro cirúrgico (são 19 ao todo) e também consultórios de medicina veterinária (61 unidades).

Lançamos no final do ano passado nossa nova marca de medicina veterinária, denominamos agora cada nova unidade de medicina veterinária como **Centro Veterinário Seres**. Em geral as novas operações acompanham a agenda de expansão da rede de varejo PETZ. Com o lançamento inauguramos o Centro Veterinário Seres na rua Ricardo Jafet, 1750, dentro da PETZ. Trata-se de um hospital 24 horas com:

1. alta tecnologia diagnóstica e de tratamento: equipamentos novos de ultrassonografia, ecocardiograma e tomografia de 16 canais, todos equipamentos Siemens, além de Raios-x, equipamentos para anestesia de última geração, entre outros;
2. ampla oferta de serviços: desde consultas gerais e de todas as especialidades, temos sala dedicada para procedimentos odontológicos, sala dedicada para procedimentos quimioterápicos, incluindo farmácia de manipulação dos mesmos, sala dedicada para fisioterapia e ala preparada para futura operação de Unidade de Terapia Intensiva (UTI);
3. diferenciada experiência do cliente: o fluxo de atendimento de rotina é completamente separado do

fluxo de atendimento complexo e de emergência, garantindo eficiência no trabalho dos times de veterinários e outros profissionais, além de garantir também maior satisfação do tutor; que não presencia atendimentos de emergência em momentos de rotina. Nesse formato, os tutores de pets em situação de emergência conseguem presenciar um atendimento muito ágil e com todos os recursos diagnósticos prontamente à disposição do time.



BA: Cada unidade e a unidade geral terão ração, produtos, salão de beleza?

Dra. Aline: Nossas unidades de medicina veterinária, em geral, estão localizadas ao lado de lojas PETZ que oferecem produtos e, em sua maioria, serviços de estética.

BA: Quais especialidades tais como psiquiatria, fisioterapia, gerontologia, oncologia (inclusive tratamento) são oferecidas pelas unidades hospitalares?

Dra. Aline: Nossa rede de hospitais em São Paulo oferece uma ampla oferta de especialidades: dermatologia, medicina felina, endocrinologia, cardiologia, oncologia (com tratamento quimioterápico), anestesia, cirurgia geral, ortopedia, neurologia, odontologia, oftalmologia, nefrologia, gastroenterologia e nutrição, entre outras.

BA: Cada unidade e a unidade central têm laboratório de análises e imagem?

Dra. Aline: Todas as nossas lojas estão aptas a captar amostras biológicas para testes de análises clínicas que são processados em nossa central ou com laboratórios parceiros. Quanto ao diagnóstico de imagem, possuímos oferta ampla de serviços em nossos hospitais.

BA: As unidades poderão fazer convênios com laboratórios de análises e imagem locais com clínicas especializadas?

Dra. Aline: Nós mantemos contratos com laboratórios e prestadores de serviço de diagnóstico de imagem locais para ofertar esses serviços aos nossos clientes em nossas unidades. Mantemos também parceria com hospitais e clínicas especializadas (devidamente homologadas pela nossa equipe técnica) para complementar nossa oferta de serviços em locais em que ainda não possuímos oferta completa de serviços.

Entrevistada

Aline Amália L. de Araujo Giovannetti
Diretora de Negócios Veterinários
Telefone: (11) 3434-6011
Celular: (11) 96921-9638
aline.araujo@petz.com.br
www.petz.com.br



Visão do diretor do Hospital Sena Madureira:

Boletim APAMVET: Dr. Mário, qual a data de fundação do Sena Madureira e qual a história recente das medidas implementadas?

Dr. Mário: O Hospital Veterinário Sena Madureira foi fundado em três de fevereiro de 1969, tendo sido o primeiro a ser registrado no CRMV-SP como hospital veterinário no estado de São Paulo, segundo documentação levantada no setor de cadastros da entidade.

Devido à sua obstinação em proporcionar o melhor em tecnologia e tratamentos humanizados, logo tornou-se referência na área clínico-cirúrgica de pequenos animais.

Assim, como diretor-clínico do Hospital, posso afirmar que este empreendimento tem em seu DNA, se me permite, a busca incessante pela inovação. Continua Mário Marcondes – “por este motivo o foco da empresa é centralizar serviços de alta qualidade num só local, que ofereça serviços desde conveniência até a sofisticação do primeiro hotel pet “seis estrelas” da cidade, além de salão de beleza com tratamentos diferenciados, spa, creche, UTIs e exames tecnológicos como tomografia computadorizada, endoscopia, dentre outros, para cães, gatos, e, de maneira inovadora, agora para os animais exóticos que acabam de ganhar um lugar especial, conforme se observa na nova marca da empresa.



Boletim APAMVET: Quais novidades o Hospital Veterinário implantou para celebrar o aniversário de 50 anos do empreendimento?

Dr. Mário: Já na comemoração dos 40 anos de existência, o Hospital lançou o livro *Emergências e Terapia Intensiva Veterinária*, pela Editora Guanabara Koogan, do qual sou o editor junto com Fernanda Fragata Marcondes, com mais de 900 páginas, que trazem tratamentos inovadores para os pets, uma das publicações mais respeitadas no segmento veterinário brasileiro.

Este ano, acabamos de finalizar uma grande reforma, ampliando as instalações, e trazendo **novas formas de tratamentos para os animais silvestres** (aves, roedores e répteis) o que proporcionou estender os serviços para todos os pets, além dos cães e gatos.

Também para comemorar a data, inauguramos o **Espaço de adoção**, onde aos sábados tutores podem adotar cães e gatos oriundos de ONGS parceiras, doando ração para instituições que abrigam esses animais.

Outro diferencial que oferecemos, é o caso do adiestramento, utilizando técnicas provenientes de Las Vegas, onde os tutores participam das aulas numa área aberta, com jabuticabeiras, na cobertura do prédio também reformado, com acesso por um elevador panorâmico instalado no local. Durante os treinamentos o animal recebe faixas de graduação, de acordo com a evolução e desempenho, com cores, semelhantes aos treinamentos das artes marciais.

Além disso, o Hospital Veterinário traz exames inovadores como o laboratório completo ultrarrápido com estrutura totalmente automatizada, que proporciona check-ups em cinco minutos para todas as espécies atendidas, além de outros exames já citados, como as UTIs de última geração separadas por espécies (UTIs caninas, UTIs felinas ou de animais silvestres). De maneira inovadora no mercado, na UTI de silvestres é possível internar além de aves, répteis e roedores até os peixes, nos aquários de tratamento intensivo.

BA: Todas estas iniciativas não só se destinam ao bem-estar dos animais, mas o senhor também é muito cioso da comodidade de seus clientes.

Dr. Mário: De fato, um dos nossos focos é nosso cliente; o complexo traz ainda, para conveniência deles, loja com produtos diferenciados para cães, gatos, aves, roedores, peixes e répteis. É também o único empreendimento veterinário que tem a interatividade no ponto de venda. No pet shop, no provador virtual o tutor pode provar os modelos de roupas com praticidade, bastando fotografar o bicho e o vestir virtualmente na tela. No tapete virtual os tutores podem se divertir com os pets nas projeções interativas no chão da loja com jogos como futebol, peixes virtuais, dentre outros.

No serviço de hotelaria, as suítes trazem decoração de praia ou campo para escolha dos clientes. Os ambientes são climatizados com ar-condicionado, e os pets possuem televisores nos “quartos” com programação de filmes trazidos dos Estados Unidos, que prometem acalmar os bichos e são utilizados em momentos de descanso, logo após o almoço. O local oferece ainda creche e programação com recreação diária para os cães, que podem ser acompanhadas por meio do envio de fotos e vídeos das atividades pelo WhatsApp.

O mesmo tipo de inovação ocorre no setor de silvestres, que oferece o primeiro viveiro totalmente interativo da cidade com sons de floresta, cheiro do mato e até dispersores de água automatizados, trazendo todo o conforto para as aves, que se sentem como se estivessem na natureza.



Na área de saúde, a sala 3D projeta em uma grande tela o corpo de cães e gatos para o tutor entender de maneira didática as principais etapas pelas as quais o seu animal irá passar durante os principais tratamentos, como os cirúrgicos.

O Sena Madureira mantém ainda importantes colunas na mídia nacional para se comunicar com os tutores e levar informação veterinária sempre atualizada em veículos importantes como a TV Gazeta, Programa Ronnie Von, Revista Época, da editora Globo, e Revista Saúde, da editora Abril. Com todos estes diferenciais foi selecionado recentemente pela Revista da Folha de São Paulo (janeiro de 2019) em publicação especial do aniversário dos 465 anos da cidade que trouxe os melhores da cidade, como o melhor hospital Veterinário de SP, categoria bichos, o que foi comemorado por toda a equipe.

Fotos sobre o Sena Madureira:

<https://drive.google.com/drive/folders/1iAhrJGIWrvjvAskotU5ZOIOlrT153CpPE> ■

Entrevistado

Dr. Mário Marcondes
Diretor do Hospital Veterinário Sena Madureira, é formado pela Faculdade de Medicina Veterinária da USP e tem mestrado e doutorado pela USP. É autor de artigos científicos em publicações nacionais e internacionais.
e-mail: mariomarcondes@senamadureira.com



O ensino superior pode mudar?

Paula Tavoraro

Existe uma piada que é eternamente contada em capacitações de professores. Ela diz que um homem viaja no tempo, da época medieval para o presente. No presente, o homem é recebido por um anfitrião que faz questão de mostrar todo o progresso do mundo: carros, aviões, laboratórios, computadores, celulares... Em todos estes momentos, o homem do passado fica boquiaberto. Até que ele é levado a uma escola, com suas cadeiras enfileiradas, a lousa lá na frente, a mesa do professor em destaque e ele diz: 'Ah, isso eu conheço muito bem!'

Todos os adultos de hoje e os alunos em todos os níveis escolares conhecem esta escola muito bem. Suas bases históricas podem ser traçadas à forte influência de três momentos: o desenvolvimento da agricultura, o estabelecimento da hierarquia feudal e o casamento entre a ética protestante e as ideias capitalistas¹ (GRAY, 2013).

O desenvolvimento da agricultura trouxe consigo a necessidade de que todos os indivíduos da comunidade (adultos, crianças, idosos, mulheres e homens) conhecessem e trabalhassem duro em suas funções específicas nos ciclos de produção para garantir a sobrevivência de todos. Para isso, o conhecimento sobre o trabalho devia ser claramente passado de geração em geração. Esta foi a primeira formalização do ensino, mas é claro que, neste ponto, ainda não existiam as escolas da atualidade. Para isso, foram necessárias outras forças históricas. As escolas começaram realmente a tomar forma na sociedade feudal, quando os nobres e a Igreja precisavam da educação para garantir a obediência à autoridade e à hierarquia do feudalismo. Quando a sociedade feudal começou a se desagregar e o comércio e as cidades se desenvolveram, outros indivíduos além da nobreza e do clero também aspiraram ao poder; a nobreza passou a ser questionada por estes novos aspirantes e a Igreja, pela contrarreforma de Martinho Lutero. O casamento da ética protestante com o ideário capitalista foi o primeiro passo para a escolarização universal e homogeneizadora em pé até hoje. Por fim, foi na Prússia que este modelo tomou a forma de hoje e se tornou eficiente: desenvolveu-se um currículo padronizado com horários para começo e fim das aulas e os professores passaram a ser treinados e certificados. O objetivo era modificar as crianças e torná-las, finalmente, adultas. Este sistema educacional prussiano foi exportado para onde as escolas protestantes se estabeleceram, e foi

¹ A visão histórica da educação que coloco aqui é bastante simplista. As contribuições históricas para o modelo de educação de hoje são variadas e vão além daquelas citadas aqui. Foram mostradas aquelas que pessoalmente acredito terem sido importantes para cristalizar o modelo centrado no professor e de passividade do aluno presente na grande maioria das universidades.

tão eficiente que grande parte do mundo hoje ainda se apoia nele (GRAY, 2013).

Especificamente com relação à universidade, historicamente, a educação superior pode ser encontrada em todas as civilizações avançadas para a formação de governantes, sacerdotes, militares e outras elites que prestavam serviço aos países e seus governos, embora a universidade que se conhece hoje tenha surgido na Europa medieval. De qualquer forma, a ideia de educação superior está baseada em "passar as doutrinas e habilidade matemáticas e/ou literárias aos alunos, com pouco espaço para questionamento e análise" (PERKIN, 2007), o que também foi verdade na história do Brasil (PIMENTA; ANASTASIOU, 2002).

Embora existam muitos outros momentos históricos que deram a forma final da escola, pode-se concordar que o modelo de ensino vivenciado pela maioria dos adultos (e crianças) de hoje é medieval. Mas este padrão se forjou pela necessidade de se garantir ordem e hierarquia, memorização de conhecimento dogmático e obediência às instituições, não sendo um exemplo de esforço intelectual intenso. A humanidade e as sociedades humanas evoluíram tanto a partir destes pontos históricos que é difícil entender porque esta forma de ensino medieval de pouco estímulo e esforço intelectual se mantém até os dias de hoje, inclusive na formação de profissionais que deveriam ter, na sua essência, um vasto arsenal intelectual a ser desenvolvido.

Como este modelo se desenrola no dia a dia da escola? Com raras exceções, o que se vê – do ensino básico até o superior – é o conteúdo como item de maior importância, o professor como centro das atenções e o aluno como mero expectador de palestras intermináveis. No ensino superior em particular, há quase que total ausência de atividades/tarefas diárias em aula que tornem o aluno capaz de (a) formar de conceitos, (b) compreender os conceitos em situações reais e (c) aplicar os conceitos na realidade da profissão.

Hoje, mais do que nunca, este padrão precisa mudar. A transformação do ensino superior é essencial porque é visível que os métodos medievais podem levar a um produto final (o profissional nascente) que está muito aquém das expectativas do mundo, embora seja muito doloroso admitir isso, sendo professor. Mas a vida não é estática, e delineiam-se caminhos para esta mudança. Em algumas universidades, pensam-se nas alterações do núcleo pedagógico (a relação professor, aluno e conteúdo), essencial para o aprendizado efetivo (CITY; ELMORE; FIARMAN; TEITEL, 1973), e professores são capacitados nos princípios de andragogia (o ensino de adultos) (KNOWLES, 1973) e em metodologias ativas, para que tirem os alunos do seu papel passivo (FOUNDATION, 2007) e o coloquem no centro do processo de aprendizagem. Estas são apenas algumas mudanças, mas elas podem trazer frutos.

O termo 'núcleo pedagógico' se refere à relação inseparável e íntima entre professor, aluno e conteúdo. Alterá-lo é a única forma de gerar impactos na aprendizagem. Mas deve-se

compreender que, ao se modificar um dos itens (o papel do professor; o papel do aluno; o tipo, volume ou profundidade do conteúdo), todos os outros também são automaticamente alterados. São estas as modificações do núcleo pedagógico que garantem a aprendizagem: (1) capacitar professores para que eles tenham mais conhecimento e habilidade pedagógicos; (2) aumentar o nível e a complexidade do conteúdo; e (3) retirar o aluno do seu papel de passividade (CITY; ELMORE; FIARMAN; TEITEL, 1973).

Parece simples, mas quando se ignora o efeito em cascata gerado ao se alterar qualquer um dos elementos do núcleo pedagógico, pode-se errar bastante nas mudanças propostas nas escolas. E, com isso, acaba-se desgastando professores e alunos, além de se pulverizar e achatar o conteúdo. Quando não se leva em consideração as inter-relações entre os elementos do núcleo pedagógico, o efeito final das mudanças sobre o aprendizado acaba sendo **irrelevante**.

Tabela 1. Uma comparação entre a Pedagogia e a Andragogia (KNOWLES, 1973, p. 104).

Pressupostos			Elementos		
Itens	Pedagogia	Andragogia	Itens	Pedagogia	Andragogia
Autoconceito	Dependência	Autonomia crescente	Clima	Orientado para a autoridade, formal, competitivo	Reciprocidade, respeito, colaboração, informalidade
Experiência pessoal do aluno	De pouco valor	Recurso rico para o aprendizado	Planejamento	Pelo professor	Mecanismos de planejamento mútuo
Prontidão	Dada pelo desenvolvimento biológico e pela pressão social	Dada pelo desenvolvimento do papel social	Diagnóstico das necessidades	Pelo professor	Autodiagnóstico mútuo
Perspectiva de tempo	Conhecimento será usado para aplicação posterior	Conhecimento será usado para aplicação imediata	Formulação de objetivos	Pelo professor	Negociação mútua
Orientação para o aprendizado	Centrada no indivíduo	Centrada no problema	Desenho	Lógica do conteúdo disciplinar	Sequência colocada em termos de prontidão
				Unidades do conteúdo	Unidades do problema
			Atividades	Técnicas de transmissão	Técnicas experienciais (investigação)
			Avaliação	Pelo professor	Novo diagnóstico mútuo das necessidades
					Avaliação mútua do programa

Um segundo item em que se investe atualmente para a melhoria do ensino superior é o conhecimento sobre a andragogia. A andragogia pode ser definida como “a arte ou ciência do ensino de adultos”². Ela é a irmã menos famosa da pedagogia – a arte de ensinar crianças. Como a pedagogia é uma ciência bem mais estabelecida do que a andragogia, todos os níveis de ensino acabaram se apoiando em achados e diretrizes pedagógicas. Quando Malcolm Knowles publicou o livro *The adult learner: a neglected*

species,³ em 1973, os conhecimentos sobre andragogia se popularizaram e deram algumas respostas para as perguntas do ensino universitário. Entretanto, as bases da andragogia ainda são exploradas de forma superficial, com treinamentos que se limitam à divulgação de informações sobre o adulto aprendiz: a necessidade de autonomia e de aplicação imediata do conhecimento à realidade, e a aceitação e respeito pela história e contribuição do aluno (KNOWLES, 1973). Estas informações sobre a educação de adultos podem, aos poucos, ser incorporadas como

² Definição em <https://www.merriam-webster.com/dictionary/andragogy>. Acesso em: 17 fev. 2019.

³ “O aprendiz adulto: uma espécie negligenciada”, em tradução livre.

conhecimento real e genuíno às preocupações dos professores, estimulando-os a se aprofundarem na educação de adultos. Mas, é também possível que, dada a estrutura medieval do ensino superior, este conhecimento seja ainda, durante muito tempo, usado de forma rasa.

A mesma questão se aplica à popularização do uso e discussão das metodologias ativas. Elas são uma boa forma de se dar aos alunos um papel ativo no seu aprendizado. Entretanto, existe um risco muito real e relatado de que elas sejam usadas como panaceias para resolver o “problema do ensino” (FOUNDATION, 2007). Neste caminho, muitos modismos são festejados em um momento e esquecidos no outro; usam-se metodologias que não têm objetivo e servem apenas para fazer as aulas mais “divertidas” ou “leves” (CHMOKER, 2009), como se o aprendizado pudesse acontecer sem comprometimento de todos os envolvidos.

O ensino superior pode mudar?

Não há receitas de bolo para se mudar o aprendizado nas salas de aula do ensino superior, e este movimento não pode, **jamais**, ser superficial. A mudança do ensino superior tem que visar a complexidade, e esta pode ser resumida em ações que envolvam compreensão e pensamento (BLYTHE, 1988; RITCHHART, 2015). Sem que se enfatizem e se alcancem estes dois patamares no ensino, as aulas, as escolas e os professores continuarão, na sua grande maioria, medievais em sua forma e conteúdo.

Ter conhecimento pedagógico (ou andragógico) e ser capaz de usá-lo mais ou menos adequadamente não faz com que os alunos compreendam o que é importante para uma profissão nem faz com que eles desenvolvam seu pensamento profissional, profundo e complexo. Por outro lado, saber usar o conhecimento pedagógico à perfeição e ser uma ilha de excelência dentro da escola também não resolve o problema da aprendizagem real.

O caminho para sair da superficialidade e do mundo medieval vai muito além de se preparar aulas mais interessantes ou ativas, ou saber como aprende um adulto, ou compreender a relação intrínseca entre o professor, o aluno e o conteúdo. Este caminho envolve uma mudança de cultura – complexa, difícil e de longo prazo, que deve ser feita de forma a que os professores tenham **tempo e apoio** para pensar e refletir sobre o que precisam saber e fazer para garantir o aprendizado e as finalidades da universidade (HARGREAVES; EARL; MOORE; MANNING, 2002).

Para finalizar, deixo aqui as palavras de John Taylor Gatto, um veemente crítico da escolarização padronizada de origem medieval. Que elas ajudem todos os profissionais que hoje estão na educação a colocar o que fazem em outra perspectiva.

Poderíamos facilmente e de forma barata jogar fora as estruturas velhas e estúpidas e ajudar as crianças a serem educadas ao invés de receberem sua escolarização. Poderíamos encorajar as

melhores qualidade da juventude – curiosidade, senso de aventura, resiliência e capacidade de pensamento independente – simplesmente ao sermos mais flexíveis em relação ao tempo, textos e provas, ao apresentar as crianças a adultos competentes e ao dar a cada aluno a autonomia que ele ou ela precisa para conseguir se arriscar de vez em quando (GATTO, 2009, p. XIV).

Como pode-se fazer com que os alunos na universidade possam **ser educados** e não apenas **receber sua educação**? De alguma forma, tem-se que garantir que, no ensino **superior**, realmente aconteça uma aprendizagem **superior**.

Sobre o autor

Paula Tavorolo, CRMV/SP-10.162

Veterinária e pedagoga, professora e coordenadora adjunta do curso de Medicina Veterinária da FMU São Paulo.



Referências

1. BLYTHE, T. **The teaching for understanding guide**. São Francisco: Jossey Bass, 1988.
2. CHMOKER, M. What money can't buy: powerful, overlooked opportunities for learning, **Phi Delta Kappan**, v. 90, n. 7, p. 524-527, 2009. Disponível em: http://www.doe.virginia.gov/support/school_improvement/training/teacher_leader/session_3/article_what_money_cant_buy.pdf. Acesso em: 18 fev. 2019.
3. CITY, E.; ELMORE, R. F.; FIARMAN, S.E.; TEITEL, L. **Instructional rounds in education**. Cambridge: Harvard Education Press, 2009. 216 p.
4. FOUNDATION FOR CRITICAL THINKING. **A critical thinker's guide to educational fad** (Limited preview version), 2007. Disponível em: http://atom.curtin.edu.au/SAM_Ed%20Fadsopt.pdf. Acesso em: 26 ago. 2018.
5. GATTO, J.T. **Weapons of mass instruction**. A schoolteacher journey through the dark world of compulsory schooling. Gabriola Island: New Society Publishers, 2009.
6. GRAY, P. **Free to learn**: Why unleashing the instinct to play will make our children happier, more self-reliant and better students for life. Nova York: Basic Books, 2013.
7. HARGREAVES, A.; EARL, L.; MOORE, S.; MANNING, S. **Aprendendo a mudar**: O ensino para além dos conteúdos e da padronização. Porto Alegre: Artmed, 2002.
8. KNOWLES, M. **The adult learner**: a neglected species. Houston: Gulf publishing company, 1973.
9. PERKIN H. **History of Universities**. In: FOREST J.J.F.; ALTBACH P.G. (eds.). *International Handbook of Higher Education*. Springer International Handbooks of Education, v. 18. Springer; Dordrecht, 2007.
10. PIMENTA, S.G.; ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2002. v. 1.
11. RITCHHART, R. **Creating cultures of thinking**. The 8 forces we must master to truly transform our schools. Nova York: Willey, 2015. ■

Tratamento de Elefante-africano (Teresita)

Fundação Parque Zoológico de São Paulo

A Fundação Parque Zoológico de São Paulo recebeu por doação do Sr. José Arturo Olivares Ramirez, proprietário do Circo Gigante Hermano Gasca, um exemplar fêmea de elefante-africano (*Loxodonta africana*) na data de 25 de março de 1996.

O então proprietário, Sr. José Arturo, não nos apresentou as documentações comprobatórias da importação da Teresita, apenas nos afirmou que ela tinha 12 anos de idade e que era originária de Zimbábue/África e que chegou ao circo com um ano de idade, permanecendo 11 anos com eles.

O motivo da doação foi o histórico comportamental negativo que ela apresentava, se negava a atender aos comandos, tornando-se agressiva por diversas vezes. Segundo o Sr. José Arturo, quando um elefante demonstrava agressividade ele não era apto a participar das apresentações do circo, assim decidiram doá-la para o zoológico.

Quando ela chegou ao zoológico, somente apresentava o marfim do lado direito, pequeno ainda, e segundo relato do antigo proprietário, já chegou ao Brasil sem o esquerdo.

O seu cuidador permaneceu aproximadamente 30 dias com ela aqui no zoológico, repassando aos nossos tratadores todos os cuidados necessários para mantê-la tranquila.

Teresita apresentava vários comportamentos repetitivos, típicos de animais provenientes de circos, por causa dos treinamentos constantes para as apresentações. Já no zoológico, sua alimentação foi balanceada e seu desenvolvimento foi visível.

Em maio de 2018, Teresita apresentou apatia, diminuição do apetite e secreção pela tromba e olhos. Sob suspeita de doença respiratória em fase inicial, instituiu-se tratamento com antibiótico injetável. O quadro evoluiu rapidamente para paralisia facial, possivelmente por acometimento do nervo facial, que afetou todo o lado esquerdo da face do animal, como a movimentação da orelha, a respiração pelo lado esquerdo da tromba, a movimentação mastigatória e o movimento da pálpebra esquerda. Este último propiciou um quadro de úlcera de córnea no olho esquerdo. Devido à gravidade do quadro ocular e a dificuldade de tratamento intensivo e invasivo adequado à distância, optou-se por sedar o animal. Foi montada uma grande operação para a ocasião, que contou com a participação de diversos profissionais especialistas em várias áreas da medicina veterinária, no intuito de agir em diferentes frentes de trabalho. Foram vários os profissionais envolvidos neste tratamento, sendo 7 da própria FPZSP e mais 14 profissionais externos. Dentre os especialistas tivemos professores da FMVZ-USP e da UFMG, além de profissionais autônomos. Durante a sedação, foi realizado um procedimento cirúrgico para tratamento do olho esquerdo, inspeção dos dentes, radiografias, ultrassonografia e colheita de amostras para exame de sangue e cultura bacteriana do conteúdo do ouvido. À inspeção da boca, verificou-se que o quadro de paralisia e perda

de movimentos mastigatórios, possivelmente, causou a retenção dos dentes molares do lado esquerdo. Foi possível realizar a extração do molar superior esquerdo, porém não a do inferior. A amostra de cultura do ouvido foi compatível com quadro de otite.



Aplicação de azul de metileno para laserterapia e limpeza oftálmica mediante condicionamento – foto: Paulo Gil

Devido à necessidade de lubrificação e reavaliação diária do olho esquerdo, intensificou-se o trabalho de condicionamento do animal. O animal permitia aplicar colírio ocular duas vezes ao dia. Como não era possível o tratamento tóxico do ouvido, foi realizado tratamento com antibiótico por via injetável e posteriormente, por via oral. Para a devida continuidade do tratamento foi necessário realizar outros procedimentos sob sedação em pé para reavaliação ocular minuciosa, coleta de novas amostras (sangue e cultura), rinoscopia e otoscopia (avaliação da tromba e do ouvido com a utilização de um endoscópio), aplicação de medicação tópica no ouvido e tentativa de extração do dente molar inferior retido. As culturas do ouvido mostraram piora do quadro, inclusive com resistência aos antimicrobianos. O quadro de úlcera de córnea teve remissão completa, porém devido à paralisia de pálpebra, o tratamento de lubrificação com colírio oftálmico permaneceu sendo realizado por meio de condicionamento diariamente. Na tentativa de reverter a paralisia de nervo facial, foram realizadas, sob condicionamento, sessões de laserterapia na face e durante os procedimentos sob sedação foram realizadas sessões de eletroacupuntura. Além dos antibióticos, o animal também recebia analgésicos continuamente para alívio de dor e maior conforto.

O tratamento tópico da otite ainda era o foco, uma vez que não houve resolução por outras vias. Assim, foi contatado um colega médico-veterinário com larga experiência em treinamento de elefantes para vir à FPZSP para auxiliar no condicionamento. O Dr. Gerardo Martinez do Africam Safari/México, ficou acompanhando nossa atividade e nos ajudando por seis dias e nos propôs a construção de uma

estrutura no cambiamento do animal, onde fosse prático e seguro para a equipe realizar o treinamento para permitir a manipulação da orelha para coleta de sangue e aplicação de medicação no conduto auditivo. A estrutura foi rapidamente concluída, com todos os esforços da equipe de manutenção. Após a conclusão, o Dr. Gerardo ficou mais um dia na FPZSP para instruir a equipe de condicionamento sobre como proceder com o animal. No início, era preciso fazer o animal se acostumar com a nova estrutura e aceitar ser alimentado ali. Era um trabalho que necessitava de tempo e paciência. Neste ponto, já no início de dezembro, o animal já havia emagrecido bastante, estava com apetite diminuído e começou a apresentar sinais respiratórios mais sérios, que levou à suspeita de uma pneumonia. Mais uma vez a equipe veterinária decidiu correr contra o tempo e realizar sedações uma vez por semana para tratamento da otite com ozonioterapia e óleo ozonizado tópicos e instituir um novo curso de antibiótico injetável para tratamento da pneumonia. Em três semanas, houve remissão da otite, porém piora do quadro respiratório, da apatia e da diminuição do apetite. Baseado na literatura e diante do fato da baixa resposta aos antibióticos, suspeitou-se tratar de pneumonia fúngica. Com esta suspeita foi iniciado tratamento por via intravenosa com manutenção do acesso venoso para administração diária sob condicionamento, porém, infelizmente, o animal foi a óbito no dia seis de janeiro de 2019, sendo encontrado na área externa do seu recinto, em decúbito lateral direito, e imediatamente foi organizada a logística para a realização da necropsia.

Foi realizado exame necroscópico completo com análise de todas as cavidades e respectivos órgãos, assim como colheita de amostras biológicas para exames laboratoriais, como:

culturas bacterianas, cultura fúngica, cultura de *mycobacterium* e exame histopatológico. Nesta situação, foram evidenciados como principais achados: pleuropneumonia necro-fibrinosa piogranulomatosa, otite interna necro-fibrinosa piogranulomatosa com comprometimento cartilaginoso-ósseo e, no coração, foi diagnosticada uma importante neoplasia intramural de bainha nervosa periférica, benigna, parcialmente obstrutiva esquerda, que propiciou uma hipertensão pulmonar e comprometimento do retorno venoso.



TERESITA sempre será lembrada por nós com carinho

Agradecemos a todos os médicos-veterinários que de alguma forma estiveram envolvidos na jornada de atendimento à Teresita. ■

Profissionais	Especialidade	Instituição
Méd. Vet. Prof. ^a . Dr. ^a . Carla Belli	Clínica e cirurgia de equinos	FMVZ-USP
Méd. Vet. Carla Omura	Odontologia grandes animais	Autônomo
Méd. Vet. Carolina Nery	Animais selvagens	FPZSP
Méd. Vet. Cláudia Ontivero	Animais selvagens	FPZSP
Méd. Vet. Edlen Medeiros	Terapia fotodinâmica	Pós-graduanda FMVZ-USP
Méd. Vet. Prof. Dr. Eutálio Pimenta	Anestesiologia	UFMG
Méd. Vet. Fabiana Ferreira	Ozonioterapia	Autônomo
Méd. Vet. Fábio Kozu	Endoscopia	Autônomo
Méd. Vet. Prof. Dr. Fábio Pogliani	Terapia fotodinâmica	FMVZ-USP
Méd. Vet. Me. Fabrício Rassy	Animais selvagens	FPZSP
Méd. Vet. Gerardo Martinez	Comportamento e clínica de elefantes	African Safari/México
Méd. Vet. Jordana Barros	Animais selvagens	Pós-graduanda FPZSP
Méd. Vet. Prof. Dr. Luiz Cláudio Correia	Cirurgia de grandes e endoscopia	FMVZ-USP
Méd. Vet. Maria Carolina Rocha	Animais selvagens	FPZSP
Méd. Vet. Matheus Pedro	Oftalmologia	Autônomo
Méd. Vet. Miriam Vac	Ultrassonografia	Autônomo
Méd. Vet. Me. Nicole Paretis	Radiologia	Pós-graduanda FMVZ-USP
Méd. Vet. Dr. Roberto Fecchio	Odontologia animais selvagens	Autônomo
Méd. Vet. Robertta Nogueira	Animais selvagens	Pós-graduanda FPZSP
Méd. Vet. Sandra Fernandes	Ozonioterapia	Autônomo
Méd. Vet. Me. Suzana Hirata	Animais selvagens	FPZSP



Cultivando a língua portuguesa

Renata Carone Sborgia

Formada em Direito e Letras. Mestra em Psicologia Social – usr. Especialista em Língua Portuguesa, Direito Público e Gestão Educacional. Membro imortal da Academia de Letras do Brasil (ALB). Prêmios recebidos: Machado de Assis, Carlos Drummond de Andrade, Carlos Chagas. Docente, escritora, pesquisadora, consultora de português e oratória.

...não se contente, amigo, com o pequeno. Amor pequeno. Alegria pequena. Vida pequena. Conter-se com o pequeno... é medir o sonho, o sentimento e a esperança. Contente és quem contenta-se com o que transborda a alma. (Renata Carone Sborgia. Direitos autorais reservados.)

Livros publicados sobre Língua Portuguesa, Educação, Literatura, Tabagismo e Enxaqueca

E-mail: renatasborgia@gmail.com

1

Queridos leitores: segue uma lista prática sobre **certo x errado**. Vamos verificá-la?!

Errado	Certo
Fazem cinco dias	Faz cinco dias
Excessão	Exceção
O óculos	Os óculos
Eles tem razão	Eles têm razão
Porisso	Por isso
Derrepente	De repente

2

Vejam, queridos leitores, o que nunca podem dizer e/ou escrever. A lista abaixo aponta **os erros!**

ERROS: seje, esteje, estrupo, de menor, privilégio, advogado, siclano, récorde, rúbrica, sombrancelha

Lista com os acertos: **seja, esteja, estupro, menor (ex.: menor de idade), privilégio, advogado, sicrano, recorde, rubrica, sobrancelha**

3

Maria gosto muito do corte de cabelo. Teceu elogios a sua **“cabelerera”!!!**

Veja, querido leitor, o erro que “cortou” o elogio: cabelerera!!!
O correto é: **cabeleireira**

4

Maria comprou a rara **“trilogia”** de livros...

... Maria precisa comprar uma gramática revisada conforme o Novo Acordo Ortográfico e um Dicionário também!!!

O correto é: **TRILOGIA.**

Triologia (forma incorreta) não existe nos dicionários e no VOLP.

O conjunto de três trabalhos artísticos, geralmente, em literatura ou cinema, conectados, mas que podem ser vistos tanto como trabalho único quanto como três obras individuais denomina-se **trilogia.**

5

Ele marca os tópicos principais dos textos com **“asteístico”**.

... a marcação precisa ser com o sinal gráfico correto, bem como com a escrita!!!

O correto é: **asterisco (plural: asteriscos)** – sinal gráfico em forma de “estrela” (*).

6

Pedro e Maria estão ligados a trabalhos **“beneficientes”**.

Pedro e Maria precisam tomar o devido cuidado com a escrita e pronúncia de algumas expressões!!!

O correto é: **beneficente.** ■

**ESTAMOS ON LINE, DIVULGUE NOSSO SITE
WWW.APAMVET.COM.BR**



Para você pensar

“Sempre desprezei as coisas mornas, as coisas que não provocam ódio nem paixão, as coisas definidas como mais ou menos, um filme mais ou menos, um livro mais ou menos.

Tudo perda de tempo.

Viver tem que ser perturbador, é preciso que nossos anjos e demônios sejam despertados, e com eles sua raiva, seu orgulho, seu asco, sua adoração ou seu desprezo.

O que não faz você mover um músculo, o que não faz você estremecer, suar, desatinar, não merece fazer parte da sua biografia”. Martha Medeiros.

Renata Carone Sborgia
Direitos autorais reservados a autora.

Normas para publicação

1. Formato: As colaborações enviadas ao Boletim da APAMVET na forma de artigos de divulgação, relatos de casos, entrevistas e outras informações de interesse para a classe médica veterinária devem ser elaboradas utilizando os softwares padrão IBM/PC (textos em Word). Não será aceito material em PDF pela impossibilidade de diagramação do texto.

2. Categorias: Artigos de divulgação: destinam-se à apresentação de pontos de vista, análises críticas e atualizações de temas de interesse e importância para a Medicina Veterinária. A estrutura é livre.

Entrevistas: solicitadas por convite do Conselho Editorial do Boletim com o objetivo de destacar profissionais, temas e atividades que estejam contribuindo para o desenvolvimento e aprimoramento da Medicina Veterinária ou dos serviços por ela prestados. A estrutura será na forma de perguntas e respostas.

Relato de Caso: Serão aceitos relatos que tragam uma contribuição inovadora para o exercício da Medicina Veterinária tratando de aspectos diversos como: etiologia, diagnóstico, terapia, prevenção e controle. A estrutura deverá contemplar introdução, descrição do caso, discussão, conclusões e referências.

3. Artigo: Os artigos de divulgação e relatos de casos deverão conter título, resumo e palavras-chave.

Em artigos que relatam informações colhidas por meio da aplicação de questionários é obrigatório atestar que o Termo de Livre Consentimento foi apresentado e aceito pelos entrevistados. Devido ao arquivamento das matérias segundo as normas da ABNT, só serão arquivadas as que tiverem resumo e palavras-chave.

4. Fonte: Com a finalidade de tornar mais ágil o processo de diagramação do Boletim, solicitamos aos colaboradores que digitem seus trabalhos em caixa alta e baixa (letras maiúsculas e minúsculas), evitando títulos e/ou subtítulos totalmente em letras maiúsculas. O tipo da fonte pode ser Times New Roman, ou similar, no tamanho em corpo 12.

5. Laudas: Os gráficos, figuras e ilustrações devem fazer parte do corpo do texto e o tamanho total do trabalho deve ficar entre 3 e 4 laudas (aproximadamente 3 páginas em fonte Times New Roman 12, com espaço duplo e margens 2,5 cm).

6. Imagens: Para a garantia da qualidade da impressão, é indispensável o envio, separado, das fotografias e originais das ilustrações em alta definição (no mínimo, 90 dpis), em formato jpeg. Imagens digitalizadas deverão ser enviadas mantendo a resolução dos arquivos em, no mínimo, 300 pontos por polegada (300 dpi).

7. Informações do(s) Autor(es): Os artigos devem conter a especificação completa das instâncias às quais estão afiliados cada um dos autores. Cada instância é identificada por nomes de até três níveis hierárquicos institucionais ou programáticos e pela cidade, estado e país em que está localizada.

Quando um autor é afiliado a mais de uma instituição, cada afiliação deve ser identificada separadamente. Quando dois ou mais autores estão afiliados à mesma instituição, a identificação é feita uma única vez.

Recomenda-se que as unidades hierárquicas sejam apresentadas em ordem decrescente, por exemplo: universidade, faculdade e departamento. Os nomes das instituições e programas deverão ser apresentados, preferencialmente, por extenso. Não incluir titulações ou minicurrículos.

O primeiro autor deverá fornecer o seu endereço completo (rua, número, bairro, CEP, cidade, estado, País, telefone e e-mail), sendo que este último será o canal oficial para correspondência entre autores e leitores.

8. Referências: As referências bibliográficas devem obedecer às normas técnicas da ABNT-NBR-6023 e as citações conforme NBR 10520, descrevendo sistema, número e índice.

9. E-mail para envio: Os trabalhos deverão ser encaminhados exclusivamente on-line para: adeveley@terra.com.br ou Silvio Arruda Vasconcellos <savasco@usp.br>

10. Processo de admissão e andamento: O processo inicia-se com a submissão voluntária de pedido de avaliação por parte do(s) autor(es), por meio do envio do arquivo em formato doc. e das imagens referentes por e-mail. O autor receberá uma mensagem de confirmação de recebimento no prazo de dez dias úteis. Caso isso não ocorra, deverá entrar em contato com o editor (atualmente: adveley@terra.com.br) ou o Diretor do Boletim (savasco@usp.com)

O material enviado seguirá as seguintes etapas de avaliação: pré-avaliação do trabalho pelo editor do periódico, envio para o Corpo Editorial da Revista e devolutiva do artigo aos autores com as considerações dos revisores (caso haja). Se aprovado, será enviado ao primeiro autor a declaração de aceite, via e-mail.

Os artigos serão publicados conforme ordem cronológica de chegada à Redação. Os autores serão comunicados sobre eventuais sugestões e recomendações oferecidas pelos revisores. Se os autores precisarem apresentar uma nova versão do artigo, conforme as orientações dos revisores, o processo de admissão e revisão será reiniciado.

11. Direitos: As matérias enviadas para publicação não serão retribuídas financeiramente e os autores detém a posse dos direitos autorais referentes às mesmas. Parte ou resumo das pesquisas publicadas neste Boletim, enviadas a outros periódicos, deverão assinalar obrigatoriamente a fonte original.

Quaisquer dúvidas deverão ser imediatamente comunicadas à redação pelo site APAMVET.com.br/publicações ■